

CUIA

Luis Fernando Veríssimo

Lindaura, a recepcionista do analista de Bagé — segundo ele, “mais prestimosa que mãe de noiva” —, tem sempre uma chaleira com água quente pronta para o mate. O analista gosta de oferecer chimarrão a seus pacientes e, como ele diz, “charlar passando a cuia, que loucura não tem micróbio”. Um dia entrou um paciente novo no consultório.

— Buenas, tchê — saudou o analista. — Se abanque no más.

O moço deitou no divã coberto com um pelego e o analista foi logo lhe alcançando a cuia com erva nova. O moço observou:

— Cuia mais linda.

— Cosa mui especial. Me deu meu primeiro paciente. O coronel Macedônio, lá pras banda de Lavras.

— A troco de quê? — quis saber o moço, chupando a bomba.

— Pues tava variando, pensando que era metade homem e metade cavalo. Curei o animal.

— Oigalê.

— Ele até que não se importava, pues poupava montaria. A família é que encrencou com a bosta dentro de casa.

— A la putcha.

O moço deu outra chupada, depois examinou a cuia com mais cuidado.

— Curtida barbaridade. — Também. Mais usada que pronome oblíquo em conversa de professor.

— Oigatê.

E a todas estas o moço não devolvia a cuia. O analista perguntou:

— Mas o que é que lhe traz aqui, índio velho?

— É esta mania que eu tenho, doutor.

— Pos desembuche.

— Gosto de roubar as coisas.

— Sim.

Era cleptomania. O paciente continuou a falar, mas o analista não ouvia mais.

Estava de olho na sua cuia.

— Passa — disse o analista.

— Não passa, doutor. Tenho esta mania desde piá.

— Passa a cuia.

— O senhor pode me curar, doutor?

— Primeiro devolve a cuia.

O moço devolveu. Daí para diante, só o analista tomou chimarrão. E cada vez que o paciente estendia o braço para receber a cuia de volta, ganhava um tapa na mão.